

TAXONOMIA FACETADA COMO INTERFACE PARA FACILITAR O ACESSO À INFORMAÇÃO EM BIBLIOTECAS DIGITAIS

Benildes Coura Moreira dos Santos Maculan
Gercina Angela Borém de Oliveira Lima
Patrícia Penido

Resumo: As bibliotecas digitais comumente oferecem interface de busca com duas formas: 1) busca simples; e 2) busca avançada. Neste artigo pretende-se apresentar uma interface de busca usando taxonomia facetada. A classificação vem sendo aplicada como forma de acomodação de informações visando à recuperação do conteúdo de sites, principalmente no *e-commerce*. O fator restritivo nos sistemas de recuperação da informação é o modo de representação utilizado, que muitas vezes não permite a transferência e comunicabilidade do conhecimento. Busca-se, com a taxonomia facetada como interface de busca, estruturar os dados de forma flexível, permitindo a opção de cruzamento de informações.

Palavras-chave: Biblioteca digital; Taxonomia facetada; Interface de busca; Acesso à informação.

1 INTRODUÇÃO

No processo de aquisição, ordenação, codificação, normatização e veiculação da informação, esta sofre mutações interpretativas do homem, dependendo do seu estado emocional, sua cultura, conhecimento do assunto tratado, formação ética e moral, e conforme sua forma de sua transmissão. O homem ainda é o elemento que alimenta e disciplina os instrumentos mecânicos. Ele sempre está dos dois lados: na alimentação e na extração.

Camargo (1983) afirma que para sobreviver o homem precisa consumir, que para consumir precisa se identificar e economizar, e que para economizar estar bem informado sobre onde comprar mais por menos. Assim, a informação é essencial à vida da sociedade e vai moldando-a e sendo moldada por ela. Hoje há a necessidade de

entrelaçamento de atividades, com a possibilidade de cruzamento de informações.

As inovações tecnológicas são antes de tudo um processo de acumulação e ruptura, pois a comunidade científica está, com suas redes de interação e intercâmbio, ampliando o “conhecimento comum”, “a tecnologia compartilhada” e aumentando o “lado público” da tecnologia. A informação é benéfica à medida que é disponibilizada e utilizada visando subsidiar as decisões que garantam uma melhor qualidade de vida à sociedade. Isso evidenciou as questões do acesso nas pesquisas em Ciência da Informação.

As bibliotecas digitais são consideradas como inovação no gerenciamento de conteúdos digitais, e estão sendo utilizadas por bibliotecas, editoras, arquivos e centros de informação, com o objetivo de preservar e disseminar a informação de diversos tipos de conteúdos e formatos digitais. Precisam também preocupar-se com a questão da usabilidade. O planejamento e implantação de bibliotecas digitais exigem estudos que garantam a validação e adequação do produto final às necessidades dos usuários. As teorias que envolvem a Interação Humano-Computador (IHC) darão respaldo aos estudos da usabilidade. As teorias da Ciência da Informação (CI) darão respaldo aos estudos de necessidades de informação e comportamento de busca e uso de informação, assim como à criação da taxonomia facetada.

A proposta deste artigo é apresentar a criação de uma taxonomia facetada a partir de teoria do conceito e das categorias de Dahlberg (1978a; b; c), refletindo sobre seu uso como interface de acesso às informações em bibliotecas digitais de teses e dissertações, atendendo aos atributos de usabilidade. Serão apresentadas as noções de interfaces de acesso em bibliotecas digitais, a metodologia empregada e, em seguida, as taxonomias facetadas como instrumento facilitador desse acesso.

2 INTERFACE DE ACESSO

No dicionário Michaelis (2009), acessibilidade é a “facilidade de acesso, de obtenção; facilidade no trato”. No Decreto Nº 5.296, de 2 de Dezembro de 2004, da Presidência da República

Acessibilidade [é] condição para utilização, com segurança e autonomia, total ou assistida, dos espaços, mobiliários e equipamentos urbanos, das edificações, dos serviços de transporte e dos dispositivos, sistemas e meios de comunicação e informação, por pessoa portadora de deficiência ou com mobilidade reduzida.

Embora o decreto brasileiro pareça restringir-se a portadores de deficiência ou com mobilidade reduzida, o termo acessibilidade, considerado de forma *stricto sensu*, pode ser entendido como a possibilidade de um usuário ter ou não acesso facilitado a uma determinada informação, em qualquer espaço (virtual ou real), de um site ou produto de tecnologia.

Nesse contexto, este artigo está interessado na acessibilidade digital, que é permitir que o acesso à informação seja flexível a ponto de tornar-se fácil encontrá-la. Para tanto, apresenta uma interface de busca a partir de uma taxonomia facetada.

Toda interface bem projetada deve ser o mais amigável possível, permitindo ao usuário extrair da aplicação todo o poder computacional e utilizá-la de forma confortável. De outra forma, uma interface mal projetada pode se converter em ponto decisivo para a rejeição do sistema, apesar de ser funcional.

Na década de 80, o termo *user-friendly* (amigável para o usuário) foi usado na indústria de *software*, mas atualmente o termo mais adequado é usabilidade. Navegar na Internet demanda um comportamento ativo, além de um esforço intelectual para conseguir usar a interface. Exige, portanto, o aprendizado da interface. Um projeto de interface interativa e profissional deve contar com

usabilidade, característica básica para que seja eficiente e alcance seus objetivos.

A usabilidade é uma metodologia científica aplicada na criação e remodelação de interfaces de *sites*, intranets, aplicativos, jogos e produtos de modo a torná-las fáceis de aprender e fáceis de usar. Para Dias (2003, p.25), o termo “usabilidade” é entendido a partir de diferentes abordagens, seja na ergonomia, no esforço mental ou atitude do usuário, na forma de interação com o usuário, na facilidade de uso, no grau de aceitação e nas tarefas específicas realizadas pelos usuários em um determinado ambiente de trabalho.

Os estudos sobre interface têm o objetivo de desenvolver modelos teóricos de desempenho e cognição humanos, assim como técnicas efetivas de avaliação de usabilidade. Além disso, as aplicações devem procurar atingir aplicabilidade e comunicabilidade, proporcionando ao usuário elementos fáceis de usar, aplicar e comunicar (SOUZA *et al.*, 1999).

Segundo Nielsen (1999), a usabilidade possibilita aos usuários atingir os objetivos com a menor frustração possível, independente do ambiente no qual navegam. A tecnologia evolui e com essa evolução surgem novos focos de frustração. Criar designs que poupem a frustração e envolvam os usuários é um desafio constante e deve ser perseguido pelos desenvolvedores de interfaces. Qualquer ambiente interativo precisa ter usabilidade, pois ela é condição de aceitação ou não do *site*, seja ele corporativo, de *e-commerce*, repositórios ou bibliotecas digitais.

A usabilidade em bibliotecas digitais será determinada mais pelas características do usuário do que pela tecnologia: a arquitetura de informação deve possibilitar que os usuários encontrem facilmente o que procuram, no lugar onde esperam que as informações estejam.

Projetos de bibliotecas digitais têm crescido bastante e é possível verificar grandes variações nas interfaces disponibilizadas. Um dos objetivos de uma biblioteca, seja tradicional ou digital, é satisfazer o usuário com a informação que ele necessita. Portanto,

sua interface deve permitir ao usuário opções de busca necessárias e adequadas ao contexto de biblioteca digital, oferecendo novas formas de se realizar a consulta, recuperação e visualização do documento.

É notória a evolução das interfaces de bibliotecas digitais, que iniciaram com os catálogos eletrônicos *on-line*, conhecidos na Internet como OPACs (*On-line Public Access Catalogs*), nos quais se fazia consultas padrões por palavra-chave, nome do autor ou título da obra. Atualmente, a biblioteca digital pode oferecer diversificadas opções que vão além dessas consultas padrão. Dentre as opções encontradas em bibliotecas digitais tem-se:

Boolean Logic: pesquisa combinações lógicas de múltiplos termos.

Fuzzy Expansion: expande a busca por similaridade da escrita ou da pronúncia.

Wildcard: expande a busca de uma palavra, partindo de uma origem comum, sem considerar se ela pertence ou não a mesma origem lingüística.

Exactly like/stem expansion: expande a busca para variações derivadas da palavra originária. A variação inclui nome, pronome, adjetivo, porém todas as palavras derivadas têm a mesma origem lingüística.

Case Sensitivity: serve para ignorar ou não o uso da palavra escrita em maiúscula, minúscula ou de ambas as formas.

Stopwords: há um conjunto de palavras que podem ser ignoradas nas buscas.

Proximidade: localiza documentos em que os termos especificados ocorram pelo menos uma vez, e quanto mais próximos estiverem os termos dentro de um mesmo documento maior será sua relevância.

É comum nas bibliotecas digitais oferecer uma interface com duas formas de busca: 1) busca simples; e 2) busca avançada. Na interface simples estão disponibilizadas poucas opções de busca e na

interface avançada há um número bem maior de opções, podendo o usuário limitar e especificar melhor a busca.

Um ponto importante a ser considerado no desenvolvimento de interfaces de busca é o que Chang e Rice (1993) chamam de dimensão contextual, na qual o usuário pode construir significado a partir do contexto. Neste sentido, a taxonomia facetada poderá permitir vislumbrar os fenômenos em dado domínio, à medida que o usuário vai restringindo progressivamente o campo de busca.

Dessa forma, o que se pretende é oferecer ao usuário uma nova forma de busca, usando como interface uma taxonomia facetada.

3 METODOLOGIA UTILIZADA NA CRIAÇÃO DA TAXONOMIA FACETADA

O universo de aplicação desta pesquisa serão as teses e dissertações defendidas no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, da Escola de Ciência da Informação, da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCI/ECI/UFMG), referentes à linha de pesquisa Organização e Uso da Informação (OUI), e disponibilizadas na biblioteca digital de teses e dissertações de tal instituição.

A determinação do *corpus* será feita por amostragem não-probabilística (ou subjetiva; por julgamento) porque, para investigações de cunho exploratório, é adequado o uso desse tipo de amostra (*corpus*), principalmente se o universo é homogêneo (MALHOTRA, 2001, p.316). Considera-se o universo homogêneo, pois todos os documentos são específicos da linha OUI. Dessa forma, o *corpus* será as teses e dissertações defendidas no PPGCI-UFMG no período compreendido entre os anos de 1998 a 2009, num total de 62 documentos.

O objeto empírico para a criação da taxonomia facetada será os termos oriundos de uma lista composta por: 1) as palavras-chave indicadas pelos autores no *corpus*; e 3) os termos selecionados na análise conceitual do *corpus*.

Para a análise conceitual no *corpus* será utilizada a teoria do conceito (TC), desenvolvida por Dahlberg (1978a). Essa teoria fundamenta as análises conceituais, principalmente para a padronização de termos. Em termos gerais, a TC pressupõe que todo conceito possui um referente (pode ser um objeto, um conjunto de objetos, uma atividade, uma disciplina, entre outros). Sobre esse referente serão formuladas afirmações verificáveis (predicações; características), e o conjunto de afirmação será representado pelo termo, em qualquer comunicação. Assim, o conceito (unidade de conhecimento) é o núcleo da tríade referente+todas as afirmações verificáveis+termo. Cabe lembrar, que conceito e termo não se equivalem, pois o conceito está no plano das idéias e o termo no plano verbal (DAHLBERG, 1978a; b; c).

Com a TC, as relações entre os conceitos serão determinadas a partir de características comuns a diferentes conceitos, tais como: relação gênero/espécie; relação de partição (todo/parte); relação de oposição; e relação funcional. Além disso, ao explicitar todas as características possíveis e compreensíveis de um conceito, é possível identificar alguns conceitos de relações entre objetos, fenômenos, processos, propriedades, relações ou dimensões, e as combinações entre eles (DAHLBERG, 1979).

Cada conceito selecionado na análise conceitual será representado por um termo, e cada termo terá uma definição. A elaboração da definição será baseada nas premissas indicadas por Dahlberg (1978a e b). Segundo essa autora, há uma relação de equivalência entre o termo e sua definição. Além disso, serão utilizados os princípios da socioterminologia e da teoria comunicativa da terminologia (TCT), uma vez que o glossário irá indicar os termos sinônimos (significados iguais ou semelhantes), os termos homônimos (*mesma* pronúncia ou grafia, mas significados diferentes) ou polissêmicos (mais de uma significação).

O processo de categorização será desenvolvido a partir das categorias e subcategorias conceituais de Dahlberg (1978b). Numa

taxonomia facetada para navegação, cujo objetivo é criar uma interface de busca, as categorias de Dahlberg serão mais adequadas, uma vez que expandirão as possibilidades de divisão.

O método de categorização de Dahlberg é baseado no método analítico-sintético de Ranganathan, o que garantirá e manterá a coesão da metodologia adotada. Segundo Ranganathan, fatorar um assunto pressupõe que “cada aspecto desse assunto pode ser visto como as manifestações de certas características ou facetas que obedecem a postulados pré-determinados” (BARBOSA, 1969, p.166).

A análise detalhada das definições dos conceitos, obtida a partir da TC, de Dahlberg, permitirá determinar as relações entre conceitos e categorias. As relações entre os conceitos serão determinadas a partir de características comuns entre diferentes conceitos, indicando as relações sintagmáticas (contida nos conceitos de relação funcional), e as relações paradigmáticas (contida nos conceitos dos outros tipos de relações). Além disso, a partir das definições será possível indicar conceitos de relações entre objetos, entre fenômenos, entre processos, entre propriedades, entre relações ou entre dimensões, e as combinações entre eles (DAHLBERG, 1979).

4 TAXONOMIA FACETADA

A palavra taxonomia vem do verbo grego *tassein*, que significa "para classificar" e *nomos*, que significa lei, ciência, administrar. O termo foi empregado pela primeira vez pelo biólogo suíço Augustin Pyrame de Candolle, em 1778, especializado em botânica. Candolle classificou e ordenou todas as espécies conhecidas, descrevendo mais de 80.000 espécies (BARQUÍN; MOREIRO GONZÁLEZ; PINTO, 2006). Segundo esses mesmos autores, a mais conhecida taxonomia surgiu com Linnaeus (Taxonomia de Lineu), na área da biologia, para classificar organismos vivos, no século XVIII. Ele criou um

sistema hierárquico, com uma nomenclatura binominal dos seres vivos, identificando de forma unívoca as espécies (filos, classes, ordens, famílias, gênero e espécies), resolvendo os problemas de comunicação produzidos pela variedade de nomes locais.

A taxonomia pode ser considerada um tipo de sistema de classificação. Entretanto, em bibliotecas tradicionais os sistemas de classificação são usados para sumarizar os principais assuntos de documentos (livros, artigos) em símbolos abreviados, para que se torne possível localizá-los fisicamente. As taxonomias geralmente não costumam acomodar códigos, mas podem facilmente agregar metadados.

Na ciência da informação, uma taxonomia é um vocabulário controlado, pois cada termo nas classes é considerado com cuidado, excluindo-se as ambigüidades e fazendo-se a escolha do termo mais específico. As mudanças e inclusão de novos termos são possíveis numa taxonomia, mas somente quando estritamente necessário (LAMBE, 2007, p.6).

O conceito de taxonomia vem sofrendo mudanças, desde a definição de Vickery que entendia uma taxonomia como um instrumento hierárquico de termos para “organizar todas as entidades de um universo em uma simples hierarquia: uma grande árvore na qual cada entidade pertence apenas a uma única classe, cada espécie a um único gênero, e assim por diante” (VICKERY, 1975, p. 10). Na contemporaneidade temos o termo aplicado em sentido mais abrangente, enxergando a taxonomia como um instrumento de recuperação de informação, com possibilidade de agregar dados (metadados) na estrutura.

As taxonomias, segundo Campos e Gomes (2008, *on-line*), possuem as seguintes características: lista estruturada de conceitos de um domínio; termos organizados hierarquicamente; possibilita a organização e recuperação de informação através de navegação; permite agregação de dados e evidenciar um modelo conceitual do domínio; instrumento de organização intelectual, pois atua como um

mapa conceitual dos tópicos explorados em um sistema de recuperação de informação (SRI); mecanismo de consulta em portais institucionais, através de navegação.

Entretanto, para Lambe (2007), além do tipo hierárquico, as taxonomias podem ser: listas, árvores, hierarquias, polihierarquias, matrizes, facetas e sistemas de mapas. A taxonomia facetada usa o *Colon Classification* e o método analítico-sintético de Ranganathan. Este é o tipo de taxonomia que se recomenda como interface de busca, uma vez que permite o cruzamento das informações contidas nos documentos.

5 A TAXONOMIA FACETADA COMO INTERFACE DE BUSCA EM BIBLIOTECAS DIGITAIS

A estruturação provida por uma taxonomia facetada facilita o entendimento de um domínio, pois torna esse domínio inteligível ao usuário. A taxonomia facetada apresenta uma interface que mostra a categoria principal e as facetas dentro delas, numa distribuição hierárquica dos conceitos.

Uma vantagem do uso da taxonomia é que sua estrutura em árvore mostra, em seus primeiros níveis, os conhecimentos mais genéricos. Já nos níveis mais avançados (nos "ramos"), encontram-se informações mais específicas das buscas. Em cada nó da árvore se insere um conjunto de informações, que aborda sobre determinada temática e que é resultado da compilação do conhecimento construído por agentes diversos, dentro da biblioteca digital. Recursos audiovisuais como textos, imagens, mapas, sons e vídeos podem ser inseridos, o que potencializa a eficácia na transmissão de informação aos que almejam acessá-la.

Além disso, as taxonomias facetadas são pós-coordenadas e permitem a representação de conceitos inter-relacionados, isto é, com elementos semânticos. Elas têm sido ferramentas muito utilizadas em portais corporativos.

A possibilidade de representar o domínio, de forma inteligível para o usuário, torna a taxonomia facetada um elemento de usabilidade e acessibilidade, pois facilita e agiliza o processo de encontrar a informação. Assim, as ferramentas de recuperação da informação com estruturas classificatórias, que aceitem a navegação por conceitos, são consideradas mais eficientes em um sistema de recuperação de informação (SRI), uma vez que estruturam, organizam e cruzam as informações.

Corroborando com isso, tem-se o trabalho de Prazeres *et al* (2006, p.2), no qual os autores afirmam que

uma das vantagens da navegação baseada em facetas é a possibilidade de se combinar um ou mais valores. Por exemplo, é possível obter todas as páginas escritas em português (faceta língua), escritas entre 2001 e 2002 (faceta data), do tipo texto (faceta tipo do conteúdo). Um exemplo deste tipo de navegação pode ser visto no projeto Simile-Longwell [Disponível em: <http://simile.mit.edu/wiki/Faceted_Browser>].

Dessa forma, usando a taxonomia facetada para a busca, consegue-se associar semântica à navegação, pois o usuário vai combinando as facetas e restringindo a busca aos poucos. Isso pode ser comparado ao “*browsing*” na biblioteca. No jargão da biblioteca, *browsing* consiste na exploração dos itens do acervo (livros, periódicos, folhetos), que estão dispostos nas prateleiras, examinando-os quase ao acaso, usando a intuição e os sentidos.

Usando a taxonomia facetada como técnica para a busca, observam-se os seguintes requisitos de usabilidade atendidos:

- 1) Facilidade de navegação: organizar as informações de forma a estarem disponíveis em poucos cliques;
- 2) Simplicidade: facilita e agiliza a busca da informação desejada;
- 3) Foco no usuário: dar a máxima atenção às atividades do usuário, pois poucos deles estão interessados somente na tecnologia;

o maior interesse está nas informações que podem ser obtidas e nas tarefas que podem ser executadas;

4) Agrupar itens na área de navegação, de modo que os itens semelhantes fiquem próximos entre si;

5) Usar distintas opções de visualização de conteúdo e resultados de busca.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A classificação facetada vem sendo aplicada como forma de acomodação das informações visando à recuperação dos conteúdos de documentos, e na Ciência da Informação isso tem sido estudado a partir das teorias e métodos desenvolvidos nessa área.

Pode-se dizer que o ponto vulnerável na recuperação da informação é o modo de representação utilizado, que permita a transferência e comunicabilidade do conhecimento. A construção de sistemas de classificação mais flexíveis pode propiciar uma adequação ao desenvolvimento do conhecimento humano e permitir uma recuperação mais relevante às necessidades do usuário.

Ao usar um sistema de recuperação de informação, o usuário pode buscar informações específicas, através de uma tarefa simples usando palavras-chave, por exemplo. Em outro momento, o usuário pode não ter uma necessidade específica, podendo querer buscar por ovos de páscoa, mas sem se importar se são confeccionados em chocolate branco ou preto, ou tampouco não se interessar por seus diferentes tamanhos.

Nesse último caso, um instrumento capaz de ajudar este usuário a “navegar” pelos diversificados documentos disponíveis no acervo parece mais interessante, pois dá a ele uma visão panorâmica do tema escolhido. Portanto, o proposto neste trabalho é oferecer ao usuário a opção de uma busca facetada, através da criação de uma taxonomia facetada para navegação, como interface de busca. Com isso, o usuário pode interagir com todo o recurso informacional

disponibilizado, podendo ainda assimilar novos conhecimentos a partir da organização dos conceitos apresentados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alice. *Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

BARQUÍN, Beatriz A. R.; MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio; PINTO, Adilson L. Construção de uma ontologia para sistemas de informação empresarial para a área de telecomunicações. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 7, n. 2, abr. 2006.

BRASIL. Decreto Nº 5.296, de 2 de Dezembro de 2004, da Presidência da República. Acessibilidade. Brasília: Senado Federal, jul. 2007. Disponível em: <<https://intranetsenado.senado.gov.br/paginas-de-sistema/acessibilidade>>. Acesso em: abr. 2010.

CAMARGO, A. C. *O desafio da informação: no marketing da comunicação*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1983.

CAMPOS, Maria Luiza de A.; GOMES, Hagar Espanha. Taxonomia e classificação: o princípio de categorização. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v. 9, n. 4, ago. 2008. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/ago08/Art_01.htm>. Acesso em: jun. 2009.

CHANG, Shan-Ju, RICE, R. E. *Browsing: a multidimensional framework*. *ARIST*, v.28, p.231-276, 1993.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação: ontem e hoje. Palestra apresentada à Conferência Brasileira de Classificação Bibliográfica, Rio de Janeiro, 12-17 de setembro de 1972. Tradução de Henry B. Cox. *Anais...* Brasília, IBICT/ABDF, v. 1, 1979. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/dahlbergteoria/dahlberg_teoriam.htm>. Acesso em: 12 abr. 2010.

DAHLBERG, Ingetraut. Fundamentos teórico-conceituais da classificação. *R. Bibliotecon.*, Brasília, v. 6, n. 1, jan./jun. 1978c. Disponível em: <<http://www.tempusactas.unb.br/index.php/RBB/article/viewFile/206/187>>. Acesso em: 22 mar. 2010.

DAHLBERG, Ingetraut. Knowledge Organization and Terminology: philosophical and linguistic bases. *Int. Classif.*, v. 19, n. 2, p. 65-71, 1992.

DAHLBERG, Ingetraut. Teoria do conceito. *Ciência da Informação*, v. 7, n. 2, 1978a. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/index.php/ciinf/article/viewArticle/1680>>. Acesso em: 14 ago. 2009.

DAHLBERG, Ingetraut. Uma teoria para o interconcept: teoria analítica do conceito voltada para o referente. Título original: A referent-oriented analytical concept theory of interconcept. [Publicado originalmente na revista] *International Classification*, v. 5, n. 3, p. 142-151, 1978b. [Traduzido por Vânia Teixeira Gonçalves, Bolsista do CNPq, da equipe de Hagar. E. Gomes, Rio de Janeiro, 1990. 34p.].

DIAS, Cláudia. *Usabilidade na web: criando portais mais acessíveis*. Rio de Janeiro, Alta Books, 2003.

JACOB NIELSEN WEBSITE. *Website pessoal de Jacob Nielsen*. Disponível em: <<http://www.useit.com>>. Acesso em: 21 nov. 2009.

LAMBE, Patrick. *Organising knowledge: taxonomies, knowledge and organizational effectiveness*. Oxford, England: Chandos, 2007. 277 p.

MALHOTRA, N. K. *Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada*. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MICHAELIS Língua Portuguesa. *Dicionário Escolar: Nova Ortografia*. São Paulo: Melhoramentos, 2009.

NIELSEN, J. *Design web usability*. Indianápolis, Indiana, USA: New Rideers Publish, 1999.

PRAZERES, C. V. S. *et al.* Uma proposta de navegação na web utilizando facetas. In ERBD'06: II Escola Regional de Banco de Dados. *Anais...* do ERBD 2006, Passo Fundo-RS, 2006, v. 1, p. 1-6.

SOUZA, Clarisse S. de *et al.* A Method for Evaluating Software Communicability. In: II WORKSHOP SOBRE FATORES HUMANOS EM SISTEMAS COMPUTACIONAIS – IHC, 2., 1999. *Anais...* Artigo 28. Campinas: Workshop IHC, 1999.

VICKERY, B. C. *Classification and indexing in science*. 3. ed. Londres: Butterworths, 1975.

**FACETED TAXONOMY AS INTERFACE TO INFORMATION'S ACCESS
FACILITY IN DIGITAL LIBRARY**

Abstract: *The digital libraries often offer two types of search interfaces: 1) simple search; and 2) advanced search. This essay will try to present a search interface using faceted taxonomy. The classification method is being applied as a way to allocate information to recover a site's content, especially on e-commerce. The bottle neck of the information recovery systems is the representation they utilize, which sometimes does not allow the transfer and communicability of knowledge. The objective is to structure the data in a flexible way using the faceted taxonomy as a search interface, making the option to cross information possible.*

Keywords: *Digital library; Faceted taxonomy; Search interfaces; Information access.*

Benildes Coura Moreira dos Santos Maculan

Bibliotecária e Mestranda em Ciência da Informação pela UFMG

E-mail: benildes@gmail.com

Gercina Angela Borém de Oliveira Lima

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

E-mail: glima@eci.ufmg.br

Patrícia Penido

Graduanda do Curso de Biblioteconomia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

E-mail: patriciapenido@gmail.com

Artigo:

Recebido em: 10-04-2010

Aceito em: 14-05-2010